



Dorothy Porter e a constituição de um campo bibliográfico sobre o negro no Brasil e nos Estados Unidos (1943-1978)

Rafael Petry Trapp^{1*}

¹Universidade do Estado da Bahia, Barreiras/ BA - Brasil

RESUMO

O presente artigo realiza uma análise histórica dos intercâmbios intelectuais, culturais e políticos entre bibliógrafos brasileiros e norte-americanos através do processo de produção da *Afro-Braziliana*, bibliografia sobre o negro no Brasil compilada pela bibliotecária afro-americana Dorothy Porter entre 1943 e 1978, ano de sua publicação. Por meio de uma história sociocultural da prática bibliográfica, examinamos a formação da obra relativamente aos tensionamentos teóricos, às lutas narrativas, aos dissensos interpretativos e às leituras contrastantes que o trabalho de Porter provocou, tanto em sua constituição quanto em sua recepção. A hipótese principal é a de que as problemáticas engendradas pela *Afro-Braziliana* reposicionaram politicamente diferentes entendimentos e disputas narrativas de padrões de categorização social dos sistemas raciais atribuídos ao Brasil e aos Estados Unidos.

Palavras-chave: bibliografias; história afro-latino-americana; racismo; democracia racial; conhecimento.

Dorothy Porter and the creation of a bibliographic field about Black People in Brazil and the United States (1943-1978)

ABSTRACT

This article presents a historical analysis of the intellectual, cultural, and political exchanges between Brazilian and American bibliographers through the process of creating the *Afro-Braziliana*, a bibliography about Black people in Brazil compiled by the African-American librarian Dorothy Porter between 1943 and 1978. Through a socio-cultural history of the bibliographical practice, we examine Porter's bibliography in relation to the theoretical

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X02104505>

Artigo recebido em 29 de janeiro de 2019 e aceito para publicação em 10 de dezembro de 2019.

* Professor da Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Ciências Humanas, Barreiras /BA – Brasil. E-mail: rafaelpetrytrapp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7475-2278>.

Este artigo é resultado de pesquisa apoiada com bolsa de Doutorado Sanduíche da FAPERJ.

tensions, narrative struggles, interpretive disagreements, and the contrasting readings that it motivated, both in its formation and in its reception. Our main hypothesis is that the problematics raised by the *Afro-Braziliana* have politically repositioned different understandings and narrative disputes of social categorization patterns of the racial systems attributed to Brazil and the United States.

Keywords: bibliographies; Afro-Latin-American history; racism; racial democracy; knowledge.

Dorothy Porter y la constitución de un campo biográfico sobre el negro en Brasil y en los Estados Unidos (1943-1978)

RESUMEN

El presente artículo realiza un análisis histórico de los intercambios intelectuales, culturales y políticos entre biógrafos brasileños y norteamericanos a través del proceso de producción de la *Afro-Braziliana*, biografía sobre el negro en Brasil compilada por la bibliotecaria afroamericana Dorothy Porter entre 1943 y 1978, año de su publicación. Por medio de una historia sociocultural de la práctica biográfica, examinamos la formación de la obra en relación a las tensiones teóricas, las luchas narrativas, los desentendimientos interpretativos y las lecturas contrastantes que el trabajo de Porter provocó, tanto en su constitución como en su receptividad. La hipótesis principal es la de que las problemáticas engendradas por la *Afro-Braziliana* repositionaron políticamente diferentes entendimientos y disputas narrativas de patrones de categorización social de los sistemas raciales atribuidos a Brasil y a los Estados Unidos.

Palabras clave: biografías; historia afro-latinoamericana; racismo; democracia racial; conocimiento.

Introdução

Em uma carta de 31 de julho de 1943, a bibliotecária afro-americana Dorothy Porter, da Universidade Howard, em Washington (D.C.), escreveu para o sociólogo norte-americano Donald Pierson, na época em São Paulo, requisitando um juízo acerca da identificação racial de alguns autores brasileiros que queria incluir em uma bibliografia sobre “livros de poesia escritos por negros ou por pessoas com ascendência negra conhecida”.² Pierson respondeu

² PORTER, Dorothy. [Correspondência]. Destinatário: Donald Pierson. 3 jul. 1943, Dorothy Porter Wesley

dizendo haver “pouca consciência racial no Brasil, tanto de negros quanto de brancos”, e rascunhou, no verso da carta, sua avaliação. Ele não sabia falar de alguns nomes, como Juliano Moreira e Augusto dos Anjos. De outros não havia dúvida quanto à branquitude, como Carlos Drummond de Andrade e Olavo Bilac, tampouco à negritude, a exemplo de Solano Trindade e Manuel Querino. Oliveira Vianna, “mulato”. Cassiano Ricardo, “talvez”. Sílvio Romero recebe uma definição intrigante: *in a way*, algo como “de certa forma”.³

No auge do racismo científico em fins do século XIX, Romero tinha escrito (em 1882) uma sentença que se tornou clássica no pensamento social: a de que “todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias” (ROMERO, 1953, p. 55). Estaria Pierson ironizando sociologicamente o vaticínio do escritor e subestimando sua correspondente? Difícilmente. O que essa enigmática definição representa é, talvez, uma simbólica amostra dos desafios com os quais Porter se deparou para realizar sua *Afro-Braziliana: a Working Bibliography* (PORTER, 1978), extensa bibliografia sobre o negro no Brasil iniciada em meados dos anos 1940 e publicada em 1978.

Em sua carreira de bibliotecária, Porter publicou resenhas, artigos e, sobretudo, bibliografias, e tem sido reconhecida nos Estados Unidos (SIMS-WOODS, 2014; GUNN, 1993). Uma parcela de seu trabalho, porém, permanece ignorada: as suas relações de mais de quatro décadas com o Brasil, consumadas na *Afro-Braziliana*. Para o historiador ganês Anani Dzidzienyo, Porter foi articuladora intelectual fundamental dos intercâmbios de ideias entre o Brasil e Estados Unidos no século XX.⁴

Nascida em Warrenton (VA), Dorothy Porter Wesley (1905-1995), graduada por Howard, foi a principal responsável por transformar o Moorland-Spangarn Research Center, onde trabalhou entre 1930 e 1973, em um dos mais importantes repositórios de materiais sobre a experiência afro-diaspórica no mundo. Sua maior contribuição para o debate racial, principalmente nos Estados Unidos, além da constituição desse acervo e da compilação de bibliografias, está em sua visão das bibliotecas como espaços de reprodução, mas também de enfrentamento do racismo institucional, o que realizou desafiando um dos principais alicerces de seu campo: a Classificação Decimal de Dewey, sistema de organização bibliográfica elaborado em 1876 pelo americano Melvil Dewey, que era na época em que lhe foi designada a curadoria do acervo de Howard, em 1930, o principal meio de ordenar livros.

O sistema de Dewey, refletindo preconceitos do tempo e do autor que o idealizou (ADLER, 2017), não permitia acomodar obras que refletissem adequadamente a experiên-

Papers (doravante “DPW Papers”). James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a. No original: “[...] books of poetry written by Negroes or persons of known Negro descent”. Todas as traduções são de nossa autoria.

³ PIERSON, Donald. [Correspondência]. Destinatário: Dorothy Porter. 6 dez. 1943, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a. No original: “[...] there is little race consciousness in Brazil, either on the part of Negroes or of whites”.

⁴ Entrevista com Anani Dzidzienyo, em Providence (RI), 8 dez. 2016.

cia negra. Livros de/sobre negros tinham nesse sistema duas possibilidades de classificação: 325 (colonização) e 326 (escravidão). Em muitas “bibliotecas brancas”, como Porter coloca, “qualquer livro, fosse uma obra de poemas de James Weldon Johnson, que todos sabiam que era um poeta negro, seria classificado sob o número 325. E isso me parecia estúpido” (PORTER *apud* NUNES, 2018).⁵ Porter decidiu criar então seu próprio sistema, constituindo a coleção por autor e gênero para assinalar o papel do negro em todas as áreas do conhecimento. Tal perspectiva deu a essas obras, à coleção e ao espaço novos significados: para além de apenas um local de consulta, a iniciativa “produziu um novo imaginário negro” (HELTON, 2019, p. 102),⁶ reorganizando esses documentos de modo mais inclusivo.

A partir dessa posição em Howard, Porter se tornou uma intelectual pública pela descolonização de bibliotecas e arquivos. Como desdobramento dessa perspectiva, ela objetivou também coletar, através da diáspora africana, livros e artefatos culturais que “fortalecessem o conhecimento de nossa própria herança”, como ela afirmou, já no final de sua vida: “Não haveria maneira de os escravos africanos terem sobrevivido” à escravidão “se não tivessem sido mentalmente, espiritualmente e fisicamente fortes. Nós sobrevivemos. E é importante para os jovens saberem como nós sobrevivemos” (PORTER *apud* SCARUPA, 1990, p. 15).⁷

Uma terceira faceta de sua ação profissional e intelectual está na pioneira elaboração de bibliografias. Para ela, o trabalho bibliográfico era parte da *Librarianship*, pois não se poderia ser uma “boa bibliotecária se não se conhecesse a literatura necessária para auxiliar pesquisadores e estudantes” (PORTER *apud* SCARUPA, 1990, p. 15).⁸ É na intersecção entre a politização das bibliotecas, a busca paciente de documentos e a confecção de bibliografias críticas da diáspora africana que se inscreve o horizonte de aproximação de Porter com a realidade afro-brasileira.

Parte de seu acervo pessoal e profissional se encontra desde 2012 na Beinecke Library da Universidade Yale, em New Haven (CT). Nesse conjunto de papéis há 10 caixas, denominadas “Afro-brazilians”.⁹ O material se refere ao trabalho da *Afro-Braziliana*, a mais compreensiva bibliografia do tipo feita no século XX, com mais de 5.000 entradas. Estão nesse arquivo projetos da obra, telegramas, cadernos de viagens, artigos, rascunhos e dezenas de cartas trocadas com brasileiros e principalmente brasilianistas nos Estados Unidos.

⁵ No original: “[...] every book, whether it was a book of poems by James Weldon Johnson, who everyone knew was a black poet, went under 325. And that was stupid to me”.

⁶ Esse artigo discute em pormenor o sistema desenvolvido por Porter.

⁷ No original: “[...] to strengthen the knowledge of our own heritage”. “There was no way for the African slaves to survive [...] if they hadn’t been strong mentally, spiritually and physically. We did survive. And it’s important to our young people now to know how we survived”.

⁸ No original: “Bibliography is part of librarianship [...] you can’t be a good librarian if you don’t know the literature that you need to help scholars and students”.

⁹ Cf. DPW Papers, “Afro-Brazilians”, Caixas 39-49. Há cartas do projeto da *Afro-Braziliana* em outras caixas da seção de correspondências deste acervo.

De modo geral, queremos dar a conhecer neste artigo o acervo de Yale para o campo dos estudos afro-brasileiros em suas conexões nos espaços-tempo do mundo afro-latino-americano. Dentro dessa perspectiva, objetivamos analisar, por meio de uma “etnografia do arquivo” (CUNHA, 2004) de Porter, as múltiplas dimensões e as redes de relacionamentos intelectuais empreendidos através do trabalho de bibliotecários e bibliófilos das “Américas Negras” (BASTIDE, 1974) entre os anos 1940 e 1970, período de desenvolvimento da *Afro-Braziliana*. Em um terceiro nível, problematizamos “os mecanismos de produção dos objetos culturais” (DUBY, 2011, p. 147) segundo a perspectiva de uma história sociocultural da bibliografia, observando esse espaço do conhecimento como mais do que a compilação e organização de obras, mas como contexto de entrelaçamento de práticas sociais e de saber, inseridas em processos históricos específicos e produzidas, nesta análise, principalmente por bibliotecários(as) e bibliófilos(as) negros(as).

A Afro-Braziliana

“A história do negro não será nunca completamente conhecida até que cada livro, panfleto e manuscrito sobre o assunto tenha sido encontrado e compilado em formato bibliográfico” (PORTER, 1941, p. 264).¹⁰ Porter levou a sério o próprio vaticínio e foi uma bibliotecária diligente em Howard. De 6.499 itens em 1930, a coleção do Moorland-Spingarn Research Center passara a ter mais de 180.000 itens catalogados em 1973, ano de sua aposentadoria.

O crescimento do acervo se explica pela costura de uma bem planejada rede de correspondência com vendedores e colecionadores de livros, autores, editores, historiadores, outros bibliófilos e bibliotecários e também pelo apoio financeiro de membros proeminentes da comunidade afro-americana (SCARUPA, 1990). Seria tal estrutura de relacionamento entre ela e esses agentes que daria ensejo à reunião de material sobre o Brasil, durante quase meio século.

Ela desejava, antes de tudo, suprir as lacunas de conhecimento que dizia possuir sobre escritores negros da América Latina (SCARUPA, 1990, p. 15). Para isso, a partir de meados dos anos 1930 frequentava arquivos e bibliotecas em Washington. De uma larga visão nos primeiros tempos do trabalho, restringiu o olhar para um dos maiores países negros das Américas, o Brasil (p. 15).

O impulso acadêmico para uma “afro-brasiliana” pode ser entendido, no plano intelectual internacional, pelo contexto de emergência de Estudos Brasileiros nos Estados Unidos surgido durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil cresceu em importância estratégica no cenário global. Nessa conjuntura, estudiosos brasileiros foram convidados em diversas ocasiões para atividades em universidades norte-americanas, como Sérgio Buarque

¹⁰ No original: “The story of the Negro will never be completely known until every book, pamphlet, and manuscript on the subject has been found and recorder in bibliographical form”.

de Holanda, Gilberto Freyre e o bibliógrafo Rubens Borba de Moraes, que foi chamado pelo historiador hispanista Lewis Hanke e pelo compositor Willian Berrien para coordenar, diante do sucesso do *Handbook of Latin American Studies* (1936) por eles organizado, um *Handbook of Brazilian Studies*. O livro, patrocinado pela Rockefeller e pelo American Council of Learned Societies, deveria ser publicado até 1944, mas o foi apenas em 1949 (NICODEMO; SANTOS; PEREIRA, 2018).

Em 3 de dezembro de 1943, dirigindo-se ao historiador negro Rayford W. Logan, que fora seu professor em Howard, ela pedia ajuda financeira para o American Council of Learned Societies, dizendo preparar uma “Bibliografia do Negro na América Latina”.¹¹ Em outro memorando para Logan, reafirmava a necessidade de organizar um conjunto maior de obras que realçassem a contribuição do negro na América Latina não só na literatura, mas também “na ciência, na arte, na música, na religião [...]”.¹² Porter notava um aumento na produtividade em vários níveis institucionais naqueles últimos dez anos sobre o negro no Brasil:

Essa produtividade foi estimulada largamente pelos Congressos Afro-Brasileiros, o primeiro realizado no Recife em 1933 e o segundo na Bahia em 1937; pelo reconhecimento oficial dado aos esforços de indivíduos na ocasião da celebração do aniversário de 50 anos da abolição da escravidão no Brasil quando o Ministro da Educação sugeriu que se preparasse um sumário detalhado das realizações do negro no Brasil e para o estabelecimento de centros de estudo sobre o problema de raça e cultura no Brasil.¹³

O ministro era Gustavo Capanema, que assinara Lei Federal em 13 de maio de 1938, normatizando as comemorações do Cinquentenário da Abolição. O primeiro dos congressos havia sido liderado por Gilberto Freyre. Já o segundo tivera como articulador o pesquisador negro Edison Carneiro. O congresso da Bahia teve a participação também de Arthur Ramos, que trocara cartas com Rayford Logan ainda em 1936, quando este solicitara sua contribuição para a “Encyclopedia of the Negro”, projeto do sociólogo afro-americano

¹¹ PORTER, Dorothy; LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: American Council of Learned Societies. 3 dez. 1943, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a. No original: “[...] a Bibliography on the Negro in Latin America”.

¹² PORTER, Dorothy. [*Memorando*]. Destinatário: Rayford Logan. 21 dez. 1943, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a. No original: “Not only in literature but also in science, art, music, religion [...]”.

¹³ *Ibidem*. No original: “This productivity has been stimulated to a large extent by the Afro-Brazilian Congresses, the first held in Recife in 1933 and the second held in Bahia in 1937; by the official recognition given the efforts of individuals on the occasion of the celebration of the 50th anniversary of the abolition of slavery in Brazil when the ministry of education suggested that a topical summary of the development of the Negro in Brazil be prepared and the establishment of centers of the study for the problems of race and culture in Brazil”.

W. E. B. Du Bois.¹⁴ Porter e Ramos, ao que a falta de evidências indica, não se corresponderam/conheceram.

Mesmo sem provavelmente ter conhecido as ideias de Porter, Ramos fez parte de um contexto interamericano de intercâmbios sobre a posição do Brasil nas Américas Negras que ajudou a engendrar as condições de possibilidade para o trabalho da bibliógrafa. Entre 1930-40, Ramos dialogou com antropólogos caribenhos como Fernando Ortiz (Cuba) e Jean Price-Mars (Haiti) e norte-americanos como o antropólogo Melville Herskovits e o historiador Richard Pattee, que lhe pediam constantemente bibliografia sobre o negro no Brasil (FAILLACE, 2004).

Essa movimentação intelectual faz inteligíveis palavras de Porter de que, apesar da carência de estudos sobre o negro brasileiro nos Estados Unidos, “existem ocasionalmente, contudo, alguns acadêmicos por esse país que estão estudando as várias fases da vida e da história do Negro na América Latina”.¹⁵ Um deles lera atentamente seu projeto, em 1944: Rüdiger Bilden, historiador alemão radicado nos Estados Unidos, que se notabilizara por sua produção entre 1920 e 1930 em história da escravidão e das relações raciais no Brasil.¹⁶

Outro com projeto similar ao dela era Melville Herskovits. Em fevereiro de 1945, Lewis Hanke a informava de uma conversa havida entre ele e o antropólogo, quando este lhe confidenciara “a possibilidade de organizar uma bibliografia sobre ‘o Negro na América Latina’”.¹⁷ Em carta para ela, um mês mais tarde, Herskovits dizia não ter avançado em seus objetivos, mas se comprazia em saber de suas ideias e solicitava cooperação.

No mês seguinte, Porter responderia que naquele estágio o trabalho se achava restrito a prosa, poesia, crítica literária, ensaios gerais e biografias brasileiras e hispano-americanas, e que Howard começara a desenvolver uma coleção de América Latina.¹⁸ Enquanto escrevia para Herskovits, a bibliotecária estava concluindo o período de uma bolsa que recebera em abril de 1944 do Julius Rosenwald Fund. No pedido de apoio que mandou para essa instituição, ela detalhou o desígnio de “preparar um ensaio bibliográfico sobre as contribuições

¹⁴ LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: Arthur Ramos. 12 nov. 1936, W. E. B. Du Bois Papers. Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries, Boston, Correspondências, Caixa 80.

¹⁵ PORTER, Dorothy; LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: American Council of Learned Societies. 21 dez. 1943, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a. No original: “There are, however, a few seasoned scholars throughout this country who are studying the various phases of Negro life and history in Latin America”.

¹⁶ BILDEN, Rüdiger. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 6 ago. 1944, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

¹⁷ HANKE, Lewis. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 5 fev. 1945, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6. No original: “[...] the possibility of organizing a bibliography on the ‘Negro in Latin America’”.

¹⁸ PORTER, Dorothy. [*Correspondência*]. Destinatário: Melville Herskovits. 7 mar. 1945, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

do negro para a poesia e ficção hispano-americana e brasileira”.¹⁹ Entre os propósitos estava trazer à luz escritores afrodescendentes e fornecer informação bibliográfica para universidades, de modo a serem construídas coleções afro-latino-americanas.

Embora seus planos fossem ambiciosos, inéditos e instigassem especialistas, a bibliografia não deixou de estar enredada em tensões diversas. Em 27 de novembro de 1944, Porter descreveu suas atividades e os percalços enfrentados no processo para o então diretor de bolsas do Rosenwald Fund, William Haygood. Se bem que notasse o interesse despertado, ela dizia que “uma ou duas pessoas haviam expressado preocupação com minha abordagem. Eles não querem enfatizar demais a influência do negro na cultura brasileira”.²⁰ No entanto, ela garantia ter encontrado copioso material que dava ao negro “total crédito por sua contribuição e que [indicava] o disseminado uso do Negro como tema na literatura”.²¹

Conquanto não se possa afirmar peremptoriamente, talvez as coerções da ideologia racial-democrática, instigadas pela difusão internacional das teses de Gilberto Freyre – como a ideia de “escravidão benigna” no Brasil de *Casa-grande & senzala* (1933) em *Slave and citizen* (1946), de Frank Tannenbaum,²² livro que foi objeto, por sinal, de resenha favorável de Porter, em 1947 – e da imagem oficial que o país passou a projetar no concerto das nações a partir dos anos 1930-40 como lugar de harmonia racial²³ estivessem repercutindo em alguns de seus interlocutores. Uma carta de 1952 do historiador luso-americano Manoel Cardozo, professor na Universidade Católica de Washington, curador da Coleção Oliveira Lima e interlocutor de Freyre, fornece pistas sobre a resistência de certos espíritos nos Estados Unidos e talvez estendida para interessados nos estudos afro-brasileiros. Comentando um artigo sobre o abolicionismo no Brasil por ela redigido e a ele enviado, Cardozo pontua: “[...] existem, claro, armadilhas em escrever a história do Brasil de um ponto de vista [...] do negro [...] a psicologia do negro americano não é sempre um bom elemento para se ter em mente ao interpretar a história de nações com negros em sua população”.²⁴ Esse comentário,

¹⁹ PORTER, Dorothy. *Projeto de pesquisa e plano de trabalho para o Julius Rosenwald Fund*, circa jul. 1944. DPW Papers, Correspondências, Caixa 6. No original: “To prepare a bibliographical essay on the contributions of the Negro to the Spanish-American and Brazilian poetry and fiction”.

²⁰ PORTER, Dorothy. [Correspondência]. Destinatário: William Haygood. 27 de nov. 1944, DPW Papers, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6. No original: “One or two persons have expressed concern over my approach. They do not want to emphasize the influence of the Negro on Brazilian culture too much”.

²¹ *Idem*. No original: “[...] full credit for his contribution and which indicates the wide use of the Negro theme in the literature”.

²² Para George Reid Andrews (1997, p. 115, nota 59), as “descrições de Freyre e de Tannenbaum sobre a situação brasileira” convergiam sobre “as identidades raciais flexíveis, a ausência de barreiras de cor [e] a relativa integração dos não-brancos à vida nacional”.

²³ O conceito de uma “democracia racial” tem história mais antiga no plano internacional, remontando a meados do século XIX, nos discursos de abolicionistas nos Estados Unidos. Segundo Antônio S. A. Guimarães (2001, p. 2-3), “a escravidão mesma [...] era tida pelos abolicionistas americanos, europeus e brasileiros, como mais humana e suportável, no Brasil, justamente pela ausência [da] linha de cor”.

²⁴ CARDOZO, Manuel. [Correspondência]. Destinatário: Dorothy Porter. 5 jul. 1952, DPW Papers, Yale

mais do que censurar o subjetivismo da autora, pode ser tomado como uma ligação possível entre o discurso representado por Freyre (na crítica à ideia de um “ponto de vista negro”, seja americano ou brasileiro) e as escolhas teóricas de Porter, nas décadas de 1940-50.

Ao valorizar o negro brasileiro em seus próprios termos de experiência humana, Porter se colocava, mesmo que não expressamente – ao menos não nas décadas de 1940-50 –, contra sua subjugação a um projeto racial assimilador que, em acordo com o discurso dominante, via o negro brasileiro em uma ordem social na qual suas particularidades históricas, culturais, políticas e intelectuais eram elididas – em outras palavras, branqueadas.

Em relatório para o Rosenwald Fund em meados de 1945, mais problemáticas se assomaram. Examinando obras em língua inglesa sobre a literatura latino-americana, Porter identifica como “problema de procedimento” o fato de que os poucos autores que ao campo se dedicavam o faziam pela ênfase nas realizações extraordinárias de indivíduos negros ou na temática de relações raciais, não conectando as vidas dos escritores negros da América Latina à filosofia e à arte, desprezando a história de sua criatividade intelectual. Para ela, isso se devia ao fato de que os estudantes nos Estados Unidos eram demovidos do “estudo direto do elemento Negro pelo real fenômeno da mistura racial na América Hispânica e especialmente no Brasil”.²⁵ Contudo, mesmo reconhecendo a miscigenação para o entendimento dominante das conformações nacionais na América Latina, Porter apresenta singular consciência da ideia de democracia racial. Mais à frente, ela procura explicar ao que aludia:

Refiro-me à difícil conotação que o termo negro implica a mente de um brasileiro [...]. Para o brasileiro, o termo negro significa uma pessoa de sangue africano puro. No Brasil, um homem é um negro se é preto e se tem traços negroides. A cor ou raça de um homem não é comumente mencionada na literatura impressa, provavelmente pela razão de que existe nos países em questão menos consciência de raça.²⁶

University (New Haven), Arquivos de Pesquisa, Caixa 48. No original: “There are, of course, pitfalls in writing the history of Brazil from a point of view, the Negro point of view, for example; and I must say that the psychology of the American Negro is not always a good thing to have when interpreting the history of nations with Negroes among the population”. O artigo era “The Negro in the Brazilian Abolition Movement”, *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 1, n. 37, p. 54-80, jan. 1952.

²⁵ PORTER, Dorothy. *Relatório (esboço) para o Rosenwald Fund*, circa jul. 1945, p. 1. DPW Papers, Arquivos de Pesquisa, Caixa 48. No original: “It may be that North American students of Latin American literature have been thus deflected from direct study of the Negro element by a very phenomena of racial mixture in Spanish America and especially Portuguese-speaking Brazil”.

²⁶ PORTER, Dorothy. *Relatório (esboço) para o Rosenwald Fund*, *op. cit.*, p. 1-2. DPW Papers, Pesquisas, Caixa 48. No original: “I refer to the very difficult denotation which the term Negro brings to the mind of a Brazilian [...]. To the Brazilian, the term Negro means person of pure African blood. In Brazil, a man is a Negro if he is black and has Negroid features. The color or race of a man is not customarily mentioned in the printed literature, probably for the reason that there exists in the countries concerned a less conscious race feeling”.

Discutem-se nesse trecho aspectos das classificações raciais no Brasil em relação às normas sociais comumente atribuídas aos Estados Unidos. Naquele país, prevaleceria o sistema de marca (fenótipo); neste último, o de origem (hipodescendência), como demonstrou Oracy Nogueira (1985). A bibliotecária tangenciava um assunto se lhe revelaria de difícil trato: “alguns escritores vão considerar que um dado autor pertence à raça negra, enquanto outros irão se referir a este autor como branco”,²⁷ dizia sobre Castro Alves. Em um pedido de renovação de bolsa para o Rosenwald Fund, em 1946, algumas das problemáticas são revistas: “[...] a falta de material impresso em inglês, a terminologia, diferenças nos costumes latino-americanos acerca do elemento negro nas populações”,²⁸ entre outros. As dificuldades decorrentes do contraste entre o sistema dominante de classificação racial do Brasil e seu próprio entendimento dessa questão na condição de afro-americana a acompanhariam até a publicação da *Afro-Braziliana*, em 1978, como haveremos de notar na sequência.

Apesar desses sérios contratemplos, o trabalho prosseguiu. No pedido de renovação de bolsa, ainda em 1946, ficava claro que o volume de informação sobre o negro na literatura latino-americana, somando cerca de 4.000 entradas identificadas, era desproporcionalmente maior para o Brasil, que passou a ser priorizado nos anos seguintes. A partir de então, Porter redimensionou também o universo temático, congregando títulos de quaisquer outros aspectos da presença histórica afro-brasileira. Em outra carta para o Rosenwald Fund, ela desejava “[...] visitar algumas das bibliotecas nos países latino-americanos e suplementar o trabalho que eu tenho feito até o momento”.²⁹ Tal aspiração seria realizada no final da década de 1950.

Seus passaportes registram duas viagens para o Brasil. Em 1959, chegou a Salvador em 21 de julho. Ela visitava o país para participar – ao que parece, voluntariamente, representando Howard – do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, em agosto de 1959. Na oportunidade, teria discutido seu projeto bibliográfico sobre o negro no Brasil com os presentes e procurado estabelecer pontes para incrementar o trabalho. Deixando a Bahia, andou por bibliotecas e livrarias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, saindo do país em 14 de agosto. Retornaria em agosto de 1974, em viagem da qual não sobreviveu quase nenhum registro.

²⁷ PORTER, Dorothy. *Relatório (esboço) para o Rosenwald Fund*, op. cit., p. 2. No original: “Some writers state that a given writer is of the Negro race while another refers to him as white. This is true of Castro Alves [...]”.

²⁸ PORTER, Dorothy. *Pedido (esboço) de renovação de bolsa para o Rosenwald Fund*, circa 1946, p. 3. DPW Papers, Arquivos de Pesquisa, Caixa 48. No original: “[...] lack of printed materials in English, terminology, differences in Latin American mores as touching the Negro elements in the populations [...]”.

²⁹ PORTER, Dorothy. [Correspondência]. Destinatário: Willian Haygood. 31 dez. 1946, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6. No original: “Perhaps someday I shall be able to visit some of the libraries in the Latin American Countries and supplement the work I have done so far”.

Do final dos anos 1950 até a época de publicação do livro, os documentos de sua relação com o Brasil escasseiam em Yale. As informações mais importantes do período são mesmo as encontradas na *Afro-Braziliana*, sobretudo em seu prefácio. Porter diz que a maior parte do trabalho foi feita entre os anos de 1944 e 1945, como bolsista do Rosenwald Fund. As duas – pouco conhecidas, por falta de fontes – viagens para o Brasil, em 1959 e 1974, teriam sido também essenciais, pois foram ocasião para a compra dos livros que passariam a formar a base da coleção *Afro-Braziliana* do Moorland-Spingarn Research Center.

O prefácio discute inicialmente as categorias raciais identificadoras dos autores. Ciente das “sensibilidades” dos brasileiros que “talvez não queiram ser referidos pelos termos ‘derrogatórios’ mulato, mestiço ou negro”, ela usa *afro-brazilian* para aqueles vistos na literatura como “homem de cor”, “mulato”, “negro”, “pardo”, “preto”, “crioulos” (filhos de escravos) e para as pessoas conhecidas por terem “uma gota de sangue negro” (PORTER, 1978, p. ix).³⁰ Os “afro-brasileiros” levam um asterisco, mas, no caso de um informante brasileiro (*a Brazilian critic*) considerar um autor “mulato” e outro dizer “branco”, ficaria sem a marcação (p. x). As escolhas de Porter eram coerentes aos limites de seu arcabouço cultural no tocante ao seu entendimento das classificações raciais no Brasil e nos Estados Unidos – e ela opta na *Afro-Braziliana* pelo padrão da hipodescendência (“one drop rule”) –, mas, por cuidadosas que fossem, seriam inapelavelmente alvo da crítica de leitores brasileiros, posteriormente.

Embora não se pusesse abertamente no prefácio como uma leitora crítica da realidade racial no Brasil, Porter estava nessa época, talvez mais do que nos anos 1940-50, já consciente das contradições da situação social e política afro-brasileira, e se mostrava atenta ao que havia sido feito até 1978 na construção dos movimentos negros. Ela lembrava os intelectuais negros Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento, que tinham se destacado pela promoção identitária dos afro-brasileiros entre 1940 e 1950, e não escapava à sua narrativa, ademais, a movimentação política em São Paulo dos anos 1970 (PEREIRA, 2013), quando o movimento negro se rearticula em várias regiões do Brasil, resultando no Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, em São Paulo. A essa emergência social ela aderiu sutilmente pela opção de um signficante político (*afro-brazilian*) que, ao mesmo tempo em que interpellava o antirracismo da formação racial-democrática (GUIMARÃES, 1999), alinhava-se às lutas de construção positiva da negritude brasileira, com o fim de constituir e nomear seu trabalho bibliográfico de mais de 40 anos.

³⁰ No original: “The compiler is well aware of sensibilities of those Brazilians who may not wish to be referred to by the ‘derrogatory’ terms mulatto, mestiço [...]. The compiler has used the term Afro-Brazilian to include persons who have been described in the Brazilian literature as Homem de cor, mulatto, Negro, pardo, preta, filha and filho de escravos and persons said to have ‘uma gota de sangue preto’ (a drop of black blood)”. Grifos no original.

A recepção brasileira à *Afro-Braziliana*

Os papéis do acervo de Porter sinalizam boa recepção da *Afro-Braziliana* nos Estados Unidos. No Brasil, a acolhida foi menor, pois era um livro caro, publicado apenas em inglês e em outro país e potencialmente restrito a especialistas versados na língua e cultura anglo-americana. Entretanto, as principais leituras *brasileiras* da obra, que são duas resenhas de Wilson Martins e Abdias Nascimento, foram entusiásticas e evidenciaram que a autora potencializou o debate dos diálogos e contrastes entre raça no Brasil e nos Estados Unidos.

Wilson Martins é mais conhecido nos estudos afro-brasileiros por ter produzido livros da história do Paraná em que “a escravidão e a presença do negro são secundarizadas, quando não omitidas” (OLIVEIRA, 2005, p. 220). Na resenha *Mal-entendidos intercontinentais* (1979), ele vê na *Afro-Braziliana* o exemplo de uma “refração deformadora” imposta pelas “estruturas mentais e quadros de valores” dos norte-americanos sobre a conjuntura brasileira, como o termo “afro-brasileiro”, que lhe soa equivocado por estar baseado na regra da “gota de sangue”, contrária à multiplicidade característica das categorias de cor no Brasil, o que inviabilizaria “a existência do preconceito nos termos polarizantes do ódio racial”. Martins censura ainda aqueles que ao conceito se aferravam como estratégia política de identificação racial, como Abdias Nascimento: “Vê-se que muitos de nossos compatriotas, depois de refletir, como um espelho, as noções históricas e sociais dos EUA em matéria de relações e conceitos raciais, servem agora de espelho onde os norte-americanos as reencontram numa aparente confirmação” (MARTINS, 1979, p. 2).

A resposta de Nascimento e sua avaliação da *Afro-Braziliana* não tardaram. Em *Reflections of an Afro-Braziliano* (1979), o autor, na condição de “afro-brasileiro consciente”, encontra na obra de Porter um “mapa da liquidação mental dos afro-brasileiros” e uma “documentação da supremacia branca triunfante”, posto que reproduziria – de modo não intencional – a “ideologia do branqueamento” (NASCIMENTO, 1979, p. 274) e o discurso da “democracia racial”. Espanta-se ao perceber que Antônio Vieira, um “defensor da escravidão”, e o Barão de Cotegipe, um “defensor do regime escravista”, receberam o asterisco de “afro-brasileiros”. Por outro lado, lamenta o fato de autores afro-brasileiros que “agiram como espelhos da sociedade dominante (branca ou ariana), e que, apesar de serem influentes escritores, em suas obras não incluíram praticamente nada que os identificasse da forma que fosse às suas origens africanas” (p. 275), exemplos de Machado de Assis e Mário de Andrade, ganharem a mesma designação.

Enquanto personagens tradicionalmente entendidos como brancos se tornam negros, como Castro Alves e Carlos Gomes, outros conhecidos membros da comunidade negra não são assim nomeados, como Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite, o geógrafo Milton Santos e até mesmo Pelé. Posicionando essas demarcações nos contextos históricos, políticos e sociais de sua produção, Nascimento defende o conceito de afro-brasileiro, procedendo

a uma genealogia de sua gestação dos quilombos até o MNU, que o mobilizava politicamente. Era uma resposta aos “acadêmicos colonizados”, como Martins, que, revelando sua “deformidade intelectual”, não fez em sua resenha sociologicamente cética e desdenhosa ao conceito “nenhuma alusão à sistemática e sutil repressão, constante e frustrante, que historicamente tem perseguido, implacavelmente, qualquer livre identificação dos afro-brasileiros com sua origem étnica e espiritual” (p. 277). A denúncia dessa repressão através do significante político “afro-brasileiro” seria parte de um processo maior de preservação da “inteligência e energia negra”, cuja destruição tinha sido “documentada involuntariamente no livro de Porter” (p. 281). Sua avaliação era, como se vê, diametralmente oposta à de Martins, ao dar ênfase ao caráter contestatório e político-ideológico dos conceitos. Apesar das críticas, endereçadas mais à consciência racista³¹ brasileira do que à obra, Nascimento ponderou que o livro, que deveria se chamar “Entendimentos Intercontinentais” (p. 282), era uma importante contribuição para as interconexões entre os afrodescendentes nas Américas Negras.

A *Afro-Braziliana* tornou-se uma referência sobre a contribuição intelectual e cultural de autores negros na América afro-latina para o público acadêmico norte-americano, cujos olhos têm observado atentamente, desde meados do século XIX, as conformações raciais ao sul do Rio Grande, especialmente o Brasil (ANDREWS, 1997). Nos mais de 40 anos de sua elaboração, a atuação de Dorothy Porter refletiu, nas palavras do historiador afro-americano Robin Kelley, um “amplo entendimento diásporo da história social e política dos negros” (KELLEY, 1999, p. 1.058)³² e documentou diferentes fases e modalidades do pensamento brasileiro concernente à raça. Através da *Afro-Braziliana*, Porter realizou uma das mais sofisticadas críticas ao racismo brasileiro do século XX, em suas manifestações acadêmicas, intelectuais e epistêmicas, apontando a colossal magnitude dos silêncios e lacunas que recobriam o campo bibliográfico sobre o negro.

Seus objetivos em relação ao Brasil devem ser entendidos no contexto da constituição política do acervo do Moorland-Spangarn Research Center e das bibliografias críticas que ela considerava desdobramento da constituição de uma biblioteca especializada, no caso, com uma proposta de enfrentamento do racismo no campo da *Librarianship*. O tempo longo decorrido entre a concepção da *Afro-Braziliana*, nos anos 1940 – momento em que ela afirma ter feito a maior parte do trabalho –, e a publicação do livro pode ser explicado

³¹ Em um raro e importante comentário do livro pós-anos 1980 no Brasil, Rosemere Ferreira da Silva, na tese *Trajetórias de dois intelectuais negros brasileiros: Abdias Nascimento e Milton Santos* (CEAO-UFBA, Salvador, 2010) afirmou que “a não associação do nome de Milton à afro-brasilidade pela crítica no Brasil é comum e revela dificuldades de compreensão da multidisciplinaridade do pensamento do intelectual neste contexto” (p. 134). A autora, no entanto, levanta uma hipótese explicativa pertinente a este fato. Ela diz que Porter “claramente [...] compreende a importância do pensamento de Santos na geografia para o processo de desenvolvimento das populações afro-brasileiras. Ela arrisca na não marcação do nome com o asterisco, mas o inclui neste trabalho [...] como uma crítica à própria crítica brasileira em função da maneira como pensa o trabalho de seus intelectuais, neste caso, de seus intelectuais afro-brasileiros” (p. 134, nota 117).

³² No original: “[...] a broad, diasporic understanding of black political and social history”.

por razões operacionais (contatos com editoras e autores no Brasil), teóricas (as questões de classificação racial) e mesmo políticas, pois no final da década de 1970 a margem para uma perspectiva de valorização do negro enquanto sujeito autor de sua história e dos modos de contá-la estava se ampliando. A *Afro-Braziliana* consolidou um campo bibliográfico sobre a experiência afro-brasileira, projeto que vem sendo continuado contemporaneamente por uma nova geração de estudiosos negros das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil (SILVA; LIMA, 2018).

Considerações finais

O exame da *Afro-Braziliana* demonstrou uma possibilidade de pesquisa sobre redes de relação intelectual por intermédio de obras bibliográficas entre diferentes contextos espaço-temporais, notadamente o Brasil e os Estados Unidos, em uma época crucial de mudanças sociais e de entendimentos históricos e sociológicos sobre raça, dos anos 1940 até o final da década de 1970. A história da construção social, cultural e intelectual dos gestos bibliográficos de Porter se constituiu de tensionamentos teóricos, disputas narrativas, dissensos políticos e leituras conflitantes das categorias e do imaginário racial brasileiro quando comparadas à referencialidade atribuída ao sistema de classificação racial dos Estados Unidos.

A disposição interna do trabalho de Porter pode ser objeto de análises especializadas no futuro da pesquisa científica, com ferramentas de outras áreas da História, das Ciências Sociais e da Biblioteconomia. O acervo em Yale, no que concerne aos intercâmbios com os mundos africano e afro-latino-americano, é ainda pouco explorado. Uma agenda de pesquisa aguarda ser construída não só perante as potencialidades da documentação, mas também em face da constituição de outras “Afro-Brazilianas” – e de “brasilianas” atravessadas por outros temas – em bibliotecas, arquivos e museus norte-americanos no século XX, a exemplo do Schomburg Center for Research in Black Culture (Nova York) e arquivos de brasilianistas e afro-brasilianistas (MEIHY, 1990) presentes em diversas instituições universitárias dos Estados Unidos.

Fontes documentais

BILDEN, Rüdiger. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 6 ago. 1944, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

CARDOZO, Manuel. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 5 jul. 1952, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Arquivos de Pesquisa, Caixa 48.

HANKE, Lewis. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 5 fev. 1945, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: Arthur Ramos. 12 nov. 1936, W. E. B. Du Bois Papers. Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries, Boston, Correspondências, Caixa 80.

PIERSON, Donald. [*Correspondência*]. Destinatário: Dorothy Porter. 6 dez. 1943, Dorothy Porter Wesley Papers (“DPW Papers”). James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a.

PORTER, Dorothy. [*Correspondência*]. Destinatário: Donald Pierson. 3 jul. 1943, Dorothy Porter Wesley Papers (“DPW Papers”). James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a.

PORTER, Dorothy. [*Memorando*]. Destinatário: Rayford Logan. 21 dez. 1943, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a.

PORTER, Dorothy. *Projeto de pesquisa e plano de trabalho para o Julius Rosenwald Fund*. Cerca jul. 1944, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

PORTER, Dorothy. [*Correspondência*]. Destinatário: William Haygood. 27 de nov. 1944, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

PORTER, Dorothy. [*Correspondência*]. Destinatário: Melville Herskovits. 7 mar. 1945, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

PORTER, Dorothy. *Relatório (esboço) para o Rosenwald Fund*. Cerca jul. 1945, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke

Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Arquivos de Pesquisa, Caixa 48.

PORTER, Dorothy. Pedido (esboço) de renovação de bolsa para o Rosenwald Fund. Circa 1946, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Arquivos de Pesquisa, Caixa 48.

PORTER, Dorothy. [*Correspondência*]. Destinatário: Willian Haygood. 31 dez. 1946, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 6.

PORTER, Dorothy; LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: American Council of Learned Societies. 3 dez. 1943, DPW Papers. James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a.

PORTER, Dorothy; LOGAN, Rayford W. [*Correspondência*]. Destinatário: American Council of Learned Societies. 21 dez. 1943, DPW Papers, James Weldon Johnson Collection in the Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University (New Haven), Correspondências, Caixa 16a.

Referências

ADLER, Melissa. Classification along the Color Line: Excavating Racism in the Stacks. *Journal of Critical Library and Information Studies*, Sacramento, v. 1, n. 1, p. 1-32, 2017.

ANDREWS, George Reid. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. *Estudos Avançados* (USP), São Paulo, v. 11, n. 30, p. 95-115, 1997.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

CUNHA, Olívia M^a Gomes. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, out. 2004.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

FAILLACE, Vera Lúcia. *Arquivo Arthur Ramos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

GUIMARÃES, Antônio S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

- GUIMARÃES, Antônio S. A. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Estudos Sociológicos*, São Paulo, v. 20, n. 61, p. 147-162, 2001.
- GUNN, Arthur C. Dorothy Burnett Porter Wesley. In: HINE, Darlene C. et al. (org.). *Black Women in America: an Historical Encyclopedia*, v. 1. Carlson Pub: New York, 1993.
- HELTON, Laura E. On Decimals, Catalogs, and Racial Imaginaries of Reading. *PMLA*, New York, v. 134, n. 1, p. 99-120, jan. 2019.
- KELLEY, Robin D. G. “But a local phase of a world problem”: Black History’s global vision, 1883-1950. *The Journal of American History*, Bloomington, v. 86, n. 3, p. 1.045-1.077, dez. 1999.
- MARTINS, Wilson. Mal-entendidos intercontinentais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1979. Caderno Livro, p. 2.
- MEIHY, José C. S. B. (Org.). *A colônia brasilianista*. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- NASCIMENTO, Abdias. Reflections of an Afro-Braziliano. *Journal of Negro History*, Chicago, v. 64, n. 3, p. 274-282, Summer 1979.
- NICODEMO, Thiago; SANTOS, Pedro; PEREIRA, Mateus. *Uma introdução à história da Historiografia Brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2018.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985. p. 67-93.
- NUNES, Zita Cristina. Cataloging Black knowledge. *Perspectives of History (AHA)*, Chicago, nov. 2018.
- OLIVEIRA, Márcio de. O “Brasil diferente” de Wilson Martins. *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 44, p. 215-221, maio/ago. 2005.
- PEREIRA, Amílcar A. *O Mundo Negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PORTER, Dorothy. A Library on the Negro (resenha). *The Journal of Negro Education*, Washington (D.C.), v. 10, n. 2, p. 264-266, abr. 1941.
- PORTER, Dorothy. *Afro-Braziliana: a Working Bibliography*. Boston: Beacon Press, 1978.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- SCARUPA, Harriet Jackson. The energy charged life of Dorothy Porter Wesley. *New Directions*, Washington (D.C.), v. 17, n. 1, p. 2-17, 1990.
- SILVA, Rosemere Ferreira. *Trajetórias de dois intelectuais negros brasileiros: Abdias Nascimento e Milton Santos*. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – CEAO-UFBA, Salvador, 2010.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; LIMA, Graziela dos Santos (org.). *Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política*. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018.

SIMS-WOODS, Janet. *Dorothy Porter Wesley at Howard University*. Washington (D.C.): The History Press, 2014.